

Divulga dados inéditos sobre o envelhecimento da população LGBTQ+ em Salvador

Solidão, discriminação e invisibilidade marcam a velhice de quem resistiu



Envelhecer já é desafiador numa sociedade que cultua a juventude e marginaliza a velhice. Para quem é LGBTQ+, esse processo é ainda mais doloroso. Ele vem carregado de estigmas, da sensação de não pertencimento, do medo de voltar ao armário em instituições como asilos, hospitais, abrigos. Muitas pessoas idosas LGBTQ+ escondem quem são para evitar novas violências em ambientes onde deveriam ser acolhidas.

E o mais alarmante: essa invisibilidade também acontece dentro da própria comunidade LGBTQ+. Há um culto à estética jovem, à performatividade do



desejo, à festa que exclui corpos velhos. A velhice LGBTQ+ raramente é representada em campanhas, mídias ou espaços culturais.

Para marcar o dia 28 de Junho – Dia Internacional do Orgulho Gay -, o Grupo Gay da Bahia (GGB) acaba de divulgar os resultados preliminares da pesquisa "Viver LGBTQ+ Além (60+): Diagnóstico do Envelhecimento da População LGBTQ+ de Salvador", um estudo inédito que lança luz sobre as experiências, desafios e invisibilidades enfrentadas por pessoas LGBTQ+ acima de 60 anos na capital baiana.

Com um total de 32 pessoas entrevistadas, o levantamento revela um cenário alarmante de solidão, discriminação persistente, fragilidade socioeconômica e abandono institucional. A iniciativa faz parte do esforço do GGB para compreender as especificidades do envelhecimento da população LGBTQ+ e fortalecer a luta por políticas públicas inclusivas.

Metodologia

A presente pesquisa, de caráter exploratório-descritivo, foi conduzida pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) com o objetivo de mapear os desafios, vulnerabilidades e invisibilidades enfrentadas pela população LGBTQ+ com 60 anos ou mais residente na cidade de Salvador (BA). Embora não tenha sido conduzida no âmbito de um centro acadêmico de pesquisa institucionalizado, o estudo segue diretrizes técnicas reconhecidas para a coleta, organização e análise de dados sociais.

A coleta dos dados foi realizada entre os meses de abril e junho de 2025, por meio de um formulário eletrônico desenvolvido com a plataforma Google Forms, acessível por meio de dispositivos móveis e computadores. O link foi amplamente divulgado em redes sociais, grupos comunitários e coletivos voltados à população LGBTQ+ idosa, com apoio de entidades parceiras e lideranças locais. A opção pelo formulário digital buscou garantir maior



capilaridade, autonomia e acessibilidade na participação, respeitando os princípios da pesquisa ética, como o anonimato e o consentimento informado.

Foram obtidas 32 respostas completas, validadas segundo critérios de inclusão (idade igual ou superior a 60 anos, identificação como parte da população LGBT+ e residência em Salvador). Os participantes tiveram liberdade para não responder a perguntas sensíveis, respeitando os princípios de não-coerção e confidencialidade.

Após a etapa de coleta, os dados brutos foram sistematizados em planilhas eletrônicas utilizando o Microsoft Excel, organizando variáveis sociodemográficas, percepções subjetivas e experiências relatadas. Para a análise estatística dos dados, utilizou-se o software IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), que permitiu a tabulação de frequências absolutas e relativas, identificação de padrões e relações entre variáveis, bem como a produção de gráficos e quadros demonstrativos.

A análise e interpretação dos dados foram conduzidas pelo sociólogo José Marcelo Domingos de Oliveira (registro profissional DRT/SE 036), colaborador do GGB e pesquisador com experiência em estudos sobre diversidade, envelhecimento e direitos humanos. A equipe técnica do GGB prestou apoio na revisão dos instrumentos de pesquisa e na checagem dos resultados.

É importante destacar que, por se tratar de uma amostra não probabilística e de acesso digital, os dados não pretendem ser generalizáveis à totalidade da população LGBT+ idosa de Salvador, mas sim oferecer uma amostragem significativa e inédita dos desafios enfrentados por este grupo social historicamente marginalizado. Trata-se de um levantamento inicial, que visa subsidiar políticas públicas, sensibilizar gestores e ampliar o debate sobre a temática do envelhecimento LGBT+ no Brasil.

Perfil da população entrevistada

A maioria dos respondentes (62,5%) tem entre 60 e 64 anos, sendo a faixa de entrada da velhice. Em termos de orientação sexual, 78,1% se identificam como



gays, 12,5% como lésbicas, e os demais se dividem entre bissexuais, pansexuais e heterossexuais. A amostra também revela uma predominância de pessoas brancas (53,1%), seguida por pardas (31,3%) e pretas (15,6%).

Solidão e moradia

O dado mais preocupante do levantamento é o índice de idosos LGBTQ+ vivendo sozinhos: 50% dos participantes moram sem companhia, o que reforça o alto grau de isolamento social dessa população. Apenas 31,3% vivem com companheiros(as), e 18,8% com familiares. Tal situação se agrava quando combinada com a rejeição familiar, que ainda é uma realidade frequente.

Renda e acesso à aposentadoria

A pesquisa também mostra desigualdade econômica e insegurança financeira:

- a) 12,5% não têm renda alguma, e outros 12,5% preferiram não responder;
- b) Apenas 34,4% ganham até R\$ 5.500/mês;
- c) A maioria (62,5%) declarou estar fora da aposentadoria formal, estando enquadrada em “outros” regimes ou informalidade.

Violência e discriminação ainda presentes

A pesquisa escancara a persistência da violência e discriminação na velhice:

- a) 43,8% relataram já ter sido repreendidos, ameaçados ou agredidos por demonstração de afeto.
- b) 31,3% afirmaram sofrer violência ou discriminação por serem idosos LGBTQ+.
- c) Os principais agressores foram colegas de trabalho e chefes (16), familiares (13), agentes públicos (7) e até policiais (6).

Além disso, o local mais citado para essas condutas foi instituições públicas como o INSS, CRAS e CREAS (17 menções), revelando falhas graves na prestação de serviços públicos e na proteção institucional.

Saúde negligenciada e silenciamento médico



O acesso à saúde é outro ponto crítico:

- a) 34,4% afirmaram não procurar atendimento médico há muito tempo.
- b) A maioria recorre a UPAs (43,8%), revelando uso emergencial em vez de acompanhamento contínuo.
- c) Em 81,3% dos casos, profissionais de saúde não perguntaram sobre sexualidade ou identidade de gênero, demonstrando despreparo para lidar com a população LGBTQ+ idosa.

Falta de serviços e invisibilidade institucional

Apesar da vulnerabilidade:

- a) 71,9% não utilizam nenhum serviço público voltado a pessoas idosas ou LGBTQ+;
- b) Outros 12,5% sequer conhecem a existência desses serviços.

Isso indica uma desconexão entre políticas públicas e as reais necessidades dessa população, ou ainda, a total ausência de políticas específicas.

Problemas do cotidiano

Os principais problemas relatados foram:

- a) Problemas de saúde (31,3%),
- b) Isolamento e depressão (18,8%),
- c) Preconceito e violência ligados à identidade LGBTQ+ (15,6%),
- d) Problemas econômicos (15,6%).

Esses dados demonstram que o envelhecimento LGBTQ+ se dá sob uma sobreposição de vulnerabilidades: etarismo, LGBTQfobia, racismo e exclusão social.

Relação com gerações mais jovens

Um dado simbólico: 65,6% dos entrevistados acreditam que os jovens LGBTQ+ se relacionam com os idosos com pouca ou nenhuma empatia, revelando uma lacuna geracional que também impacta na construção de redes de apoio e pertencimento.



Envelhecer sendo LGBTQ+: o desafio que ninguém quer ver

Você já parou para pensar no que significa envelhecer sendo LGBTQ+?

A velhices LGBTQ+ segue sendo um tema ignorado, silenciado, varrido pra debaixo do tapete por uma sociedade que insiste em associar juventude à diversidade e invisibilizar quem escapa desse molde.

Envelhecer dentro da nossa comunidade ainda é um desafio gigante. É lidar com o apagamento, a solidão, o preconceito — muitas vezes vindo da própria comunidade — e a ausência quase total de suporte institucional.

Mas há algo ainda mais profundo: a geração atual de pessoas LGBTQ+ é a primeira da história a chegar à terceira idade em massa. Isso nunca havia acontecido antes. Se olharmos para trás, vemos que muitas vidas foram interrompidas antes mesmo de ter a chance de envelhecer.

Décadas atrás, ser LGBTQ+ era sinônimo de clandestinidade. Havia o medo constante da repressão, da prisão, da violência e da rejeição social. Durante as ditaduras militares na América Latina, corpos dissidentes foram perseguidos e eliminados. Muitos morreram nas ruas, nos cárceres, nos becos do preconceito.

E nos anos 1980 e 1990, a epidemia de HIV/AIDS devastou a comunidade. Uma geração inteira de homens gays, travestis e mulheres trans foi perdida, abandonada à própria sorte, enquanto o Estado ignorava deliberadamente o sofrimento. O estigma era brutal. Os noticiários tratavam a doença como “câncer gay” e a sociedade assistia ao luto com frieza. Morrer jovem era quase uma sentença anunciada.

Não existem políticas públicas eficazes e abrangentes voltadas às necessidades específicas das velhices LGBTQ+. Não há um olhar sensível nos sistemas de saúde, moradia, previdência ou assistência social. Não há centros de acolhimento, casas de convivência, campanhas de prevenção ou espaços de cuidado voltados a esses corpos envelhecidos, que já enfrentaram tanto ao longo da vida.



Muitas dessas pessoas não formaram famílias nos moldes tradicionais. Não tiveram filhos, e muitas vezes foram rejeitadas por suas famílias biológicas ainda na juventude. Isso dificulta a criação de redes de apoio na velhice. Os amigos da geração já se foram, e a rede de afetos nem sempre é suficiente para suprir as ausências e as necessidades concretas da vida cotidiana.

Conclusão e recomendações

Precisamos abrir essa conversa. Torná-la pública, urgente, coletiva. É preciso garantir direitos concretos e dignidade para quem envelhece fora dos padrões heteronormativos.

A pesquisa realizada pelo GGB evidencia que o envelhecimento da população LGBT+ exige respostas urgentes do Estado, das instituições e da própria comunidade. O Brasil envelhece, e os corpos dissidentes também. Mas ainda faltam políticas públicas de acolhimento, saúde integral, moradia, convivência e combate à solidão e à discriminação.

- a) Criar centros de acolhimento e espaços de convivência específicos para pessoas idosas LGBT+, que respeitem suas identidades e garantam segurança, afeto e dignidade;
- b) Implementar políticas públicas específicas para a população idosa LGBT+, com foco em saúde integral, moradia, acessibilidade, combate à solidão e promoção do bem-estar;
- c) Desenvolver políticas públicas intersetoriais, com financiamento garantido, monitoramento contínuo e participação da sociedade civil;
- d) Investir na formação continuada de profissionais da saúde, assistência social e segurança pública, com ênfase no atendimento humanizado e inclusivo às pessoas idosas LGBT+;
- e) Fortalecer campanhas de combate ao etarismo (idadismo) e à LGBTfobia na velhice, tanto na sociedade em geral quanto dentro da própria comunidade LGBT+;
- f) Valorizar a memória da população LGBT+ idosa, reconhecendo suas trajetórias de resistência e garantindo que suas histórias não sejam apagadas.

GRUPO GAY DA BAHIA | GGB

Endereço: Ladeira de São Miguel, 24 – Pelourinho – Salvador/BA

Telefone: (71) 99989-4748 | E-mail: ggbbahia@gmail.com |

marcelo99894748@gmail.com | Site: <https://grupogaydabahia.com.br> |

Instagram: @grupogaydabahia



Essa pesquisa representa mais do que um diagnóstico: é um chamado à responsabilidade coletiva. Ao lançar luz sobre as vivências de quem chegou à velhice enfrentando múltiplas camadas de exclusão, etária, sexual, de gênero, racial e de classe, o GGB convoca o poder público, as universidades, a sociedade civil e a própria comunidade LGBTQ+ a romperem o silêncio cúmplice que ainda marginaliza corpos envelhecidos. Envelhecer com dignidade não pode ser um privilégio reservado à norma cis-hetero. É um direito humano fundamental, que precisa ser garantido em políticas concretas, em estruturas acolhedoras e em narrativas que reconheçam a beleza, a resistência e a potência das velhices LGBTQ+. Que esses dados não terminem em relatórios engavetados, mas se transformem em ações transformadoras e em pontes de afeto, cuidado e justiça.

Salvador, 25 de junho de 2025

Sobre o GGB

O Grupo Gay da Bahia (GGB) é a mais antiga organização de defesa dos direitos humanos LGBTQ+ da América Latina, com 44 anos de atuação ininterrupta em prol da cidadania, visibilidade e dignidade da população LGBTQ+.

Para mais informações ou entrevistas:



(71) 999894748

ggbbahia@gmail.com